

# DEPOIMENTO SOBRE O PADRE LUSO

Eu, Pedrocy da Silva Guedes, brasileiro, natural de Taguatinga/TO, casado administrador, aposentado. Desde criança sentia dores no ouvido, não havia médico na região, minha mãe, Círiaca do Carmo Guedes, colocava em meu ouvido Auris Sedina (gotas) para tratamento de dor de ouvido, aliviava um pouco, mas começou a supurar, uma doença crônica e que sofri por tanto tempo. No ano de 1960, com 22 anos de idade resolvi procurar um tio, Major Leônidas do Carmo Lima, no Rio de Janeiro, fui aconselhado por ele e por meu irmão Pécy da Silva Guedes a consultar um Otorrino para me tratar. Assim, fui ao Hospital dos Servidores do Estado e ali, após alguns exames fui submetido a uma cirurgia, da qual resultaram complicações, tornando-se necessários curativos constantes, mediante a realização de dilatação e raspagem do local, visando o fim da supuração (secreção de pus e sangue, com acentuado mau cheiro), e da cicatrização.

Em uma das idas ao ambulatório do hospital, sentado na antessala do consultório do meu médico, percebi que conversavam a respeito do meu estado. Naquele momento, após decorridos meses do meu tratamento, e com as dores que eu sentia quando das raspagens sem anestesia, comuniquei ao meu tio a decisão de abandonar o tratamento e retornar a Arraias/TO, onde estava lotado no SESP. Meu tio não concordou e ligou para um especialista do exército, General Oliva, que prontamente me atendeu. Meu tio, presente no procedimento de raspagem e curativo, desmaiou e, após conversar com o Dr. Oliva, quando saímos do consultório, passou a me apoiar na decisão de retornar para Arraias, abandonando o tratamento.

Em Arraias, à época com 22 anos de idade, além do sofrimento físico, eu sofria muito ante ao fato de não poder ir às festas com minha namorada, de quem as vezes eu evitava me aproximar, já que o mau cheiro que exalava do meu ouvido era possível sentir a distância.

Determinado dia, sentindo fortes dores, procurei o médico da unidade do SESP, onde também trabalhava, Dr. Alípio, para fazer pelo menos um curativo. Ele se limitou a dar uma olhada e a exclamar: “ não vou mexer com isso não, você é maluco em ter abandonado o tratamento no Rio”!

Sempre fui violento e com 22 anos, portador de uma doença que julgava incurável, não falava sobre o assunto com ninguém, permanecia arredio, e observava que as pessoas teciam comentários que eu não entendia pois, além da surdez parcial, eu me mantinha à distância, quase isolado. Hoje sou mais calmo, consigo me controlar, e entendo que Deus não me abandonou um minuto sequer, pois naquele período, eu poderia até

mesmo ter tirado vidas, já que não respeitava nem a minha própria, andava sempre armado, nada temia e era extremamente agressivo.

O meu irmão, Padre Pedrocílio da Silva Guedes, era Pároco de Arraias, cuja paróquia englobava as cidades e municípios de Arraias, Campos Belos, Monte Alegre e Paranã. Como ele se encontrava em “desobriga”, isto é, viajando por essas localidades em atendimento as necessidades espirituais de seus paroquianos e para a celebração de sacramentos, encontrava-se em Arraias o Padre Luso, substituindo-o.

E o bom Deus levou o Padre Luso ao meu encontro. Eu estava sozinho, sentado em um alpendre da entrada da residência do Sr. Oscar Alves, localizada nas proximidades da Igreja Matriz de Arraias, quando notei a chegada do Padre Luso no local. De início ele sentou no alpendre, mantendo uma certa distância, e começou a conversar comigo. Apesar do meu comportamento grosseiro e da minha incredulidade, a maneira humilde, delicada, a aparente, fragilidade física do Padre Luso, e a força de sua espiritualidade, levaram-me ao diálogo, ele perguntou o que eu tinha. Em resposta, relatei todo o meu problema. Ele ouviu com interesse, como se estivesse em um confessor, e aos poucos, foi se aproximando de mim e afirmou: “Meu filho o que é impossível para a ciência humana, para Deus é um nada, nossa Senhora o colocará bom”. Em seguida ele impôs as mãos sobre o meu ouvido e fez uma oração. No final recomendou-me que eu rezasse, todos os dias, pelo menos uma Ave-Maria para Nossa Senhora, dizendo que ela irá me curar.

Naquela altura, o processo de infecção no meu ouvido já estava tão adiantado, que a parte externa do meu ouvido se encontrava, muito inflamada e com erisipela, cheia de pequenos pontos, donde escorria um líquido incolor. Da parte interna, saía pus com sangue escurecido, com aparência de um carnegão de nascida, em um grau de intensidade tal que chegava a sujar minha camisa na altura do ombro direito.

E, no momento nem acreditei e nem desacreditei. Para mim era indiferente. Entretanto, decorridos exatamente três dias, o meu ouvido deixou de supurar e cicatrizou de tal forma que soltava cascões. Fiquei graças ao bom Deus e a intercessão do Padre Luso junto à Nossa Senhora, curado do ouvido, embora parcialmente surdo.

E, decorridos quarenta e quatro anos, fui a um otorrino em Brasília, Dr. Cleber, foi me dito por ele que a minha cirurgia tinha sido feita por um excelente catedrático, de tão perfeita que ele achou. Fui forçado a sorrir e a lhe contar qual o excelente catedrático que me curou.

O merecimento pela obtenção da graça não foi meu, mas dos méritos e da fé do Padre Luso, que para mim já era Santo em vida, faltando agora, depois de sua morte, apenas o reconhecimento por parte de nossa Santa Igreja, para o qual haverei de contribuir.

## 2ª Parte

Ainda em Arraias, com o problema do ouvido sanado, restaram as complicações decorrentes. Sentia tão fraco e abatido que, quando sentado, ao simples esforço, para me levantar as minhas vistas escureciam e eu via pequenos fragmentos luminosos. Sabia que o pior já havia passado e, ao tomar medicamentos receitados por um médico do SESP, de São Domingos, Goiás, restabeleci-me completamente.

Quanto às recomendações feitas a mim pelo Padre Luso, para rezar todos os dias uma Ave-Maria para Nossa Senhora, passei a rezar o Terço no lugar da Ave-Maria e procurei me dedicar mais às coisas de Deus, mantendo o respeito, a admiração e a amizade para com o Padre Luso.

Em atendimento a um pedido feito ao Diretor do SESP em Goiânia, fui transferido para a uma unidade sanitária do SESP em Dianópolis, Goiás, hoje Tocantins, onde conheci, apaixonei e me casei com Joaquina Aires Carvalho (Neta). Logo após o casório, viajamos em lua de mel, sendo a primeira escala em Porto Nacional, Goiás, hoje Tocantins, onde tivemos a graça de receber uma benção especial, ministrada pelo Padre Luso, que carinhosamente nos presenteou com um crucifixo e com uma imagem de Nossa Senhora das Graças, que ainda hoje guardamos em nosso lar.

Em Brasília, para onde fomos e fixamos residência, aos 20 dias de dezembro de 1964, nasceu nosso primeiro filho, ao qual demos o nome de Luso.

Recebemos algumas cartas do Padre Luso. Estamos anexando cópia de uma delas (anexo 1), datada de 6 de março de 1965 (74 dias do nascimento do nosso primogênito) onde o Padre Luso agradece a 'atenção, aliás, a amizade', e envia para meu filho uma benção portadora de felicidade em Jesus e Maria.

Em março de 1966, com um ano e três meses de idade, nosso filho Luso sofreu um processo de infecção pulmonar, cujo laudo foi o de tuberculose ou câncer. Acredito ser dispensável descrever nossa preocupação, a angústia e o sofrimento que se abateram sobre nós. O pediatra Dr. Cristóvam, receitou antibióticos injetáveis para serem ministrados diariamente, de 6 horas em 6 horas, para cobertura de uma eventual supuração do tumor, solicitando-nos autorização para retirar o pulmão direito. Entretanto, o padrinho do nosso filho Luso, Dr. Athenolino Borges dos Santos, General médico do Exército, consultado, aconselhou-nos a rejeitar qualquer tipo de cirurgia.

Paralelamente, telegrafamos ao Padre Luso, solicitando orações e, decorridos alguns dias, após cerca de 20 raios-x, cujos resultados eram discutidos em mesa-redonda com os radiologistas do Hospital de Base, coordenados pelo chefe da radiologia, Dr. Wilson Elizeu Cezana, fui chamado pelo Dr. Cezana, que me aconselhou a suspender imediatamente o tratamento do meu filho Luso, já que cada dia que passava, ele ficava mais e mais debilitado, em consequência da doença, da radiação dos antibióticos, da inflamação nas nádegas, onde eram aplicadas as injeções e de uma febre intermitente

de 39 graus, lembrando do apelo feito ao Padre Luso, decidimos suspender o tratamento, aceitando a vontade de Deus.

Suspensa o tratamento, mais ou menos uma semana depois, a febre desapareceu, às nádegas desinflamaram e cessaram-se todos os sintomas da doença. Informei o fato ao meu primo, padrinho do meu filho, General médico Athenolino, que dirigiu uma carta ao chefe do Posto de Saúde da W3 Sul, Dr. Florentino, especialista em Tisiologia. Confesso que ficamos preocupados em verificar o estado de saúde do nosso filho Luso, através do Dr. Florentino, o qual o submeteu a vários raios-x, sendo que, ao final, veio o diagnóstico definitivo, com a informação de que os pulmões estavam normais, não havia mais nenhuma mancha, tumor ou processo inflamatório.

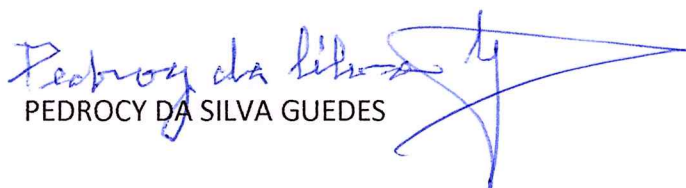
Creditamos a obtenção de mais esta graça aos méritos e a fé do Padre Luso.

Com as bênçãos de Jesus e Maria, com a proteção constate do Padre Luso que, espiritualmente está sempre conosco, evoluímos como pessoas humanas, como profissionais e na fé em Deus.

Rezávamos diariamente o Terço. Hoje rezamos o Rosário e o Ofício a Nossa Senhora.

Sabemos que o nosso Padre Luso foi um Santo em vida e continua sendo após a sua morte, como a Nossa Santa Igreja Católica Apostólica Romana, certamente o reconhecerá.

Brasília 9 de dezembro de 2021

  
PEDROCY DA SILVA GUEDES

HOSPITAL DISTRITAL DE BRASÍLIA

SERVIÇO DE RADIOLOGIA  
Relatório de Exame

HOSPITAL S V DE PAULO

Nome LUSO CARVALHO GUEDES Regto. Nº 3291

Exame pedido por Dr. Cristovão. Sala /

Natureza do Exame RX. Tórax.

Abaulamento medio-mediastinal direito, ao nível da im- /  
-plantação hilar, lembrando a presença de enfartamento ganglionar inter-  
-brônquico direito.

Data 22 / 3 / 66

FHDF. Mod. 104

Dr. Manoel   
Assinatura do Radiologista